

Edição
Rio

Editora C - Ano I - Nº 12
20 de Novembro de 1984 - Cr\$ 3.500

Afinal



Exclusivo
O chocante
depoimento do
Cabo Bruno,
o matador.

Chico especial

Uma entrevista a Tarso de Castro



Reportagem especial

“O samba-enredo *Vai Passar* é uma coisa jogada para o futuro. Mas espero que seja antes do ano 2000.”

Chico, vendo o dia clarear.

Você acaba de ouvir *Vai Passar*, do último disco de Chico Buarque de Holanda, e tem a nítida impressão de que chegou ao Brasil. Um Brasil que andou distante e apagado desta geração. Naturalmente que outras músicas lindas existem (e disso se encarregará a crítica da revista, *leia no quadro*), mas o que nos fica mais forte é exatamente essa música, esse samba-enredo que ele fez com Francis Hime e que nasceu justamente de uma outra incursão de Chico nesse tipo de música:

— Eu já tinha feito um outro samba-enredo com o Edu Lobo, na peça *Getúlio Vargas*, de Dias Gomes e Ferreira Gullar. Quando fiz a letra me surpreendi com o fato de antes nunca ter trabalhado nisto. E aí fiquei surpreso com a possibilidade que te dá o samba-enredo de coisas que, em outras circunstâncias, em outras músicas, poderiam soar demagógicas ou perigosas. No samba-enredo você pode dizer coisas absurdas ou muito verdadeiras, te dá essa possibilidade.

A primeira vez que ouvi *Vai Passar* foi

Foram três anos sem disco e nove anos sem show. Agora Chico Buarque reaparece num LP, volta a pensar em palco, e aqui se confessa.

TEXTO: TARSO DE CASTRO.
FOTOS: CHICO YBARRA.

na varanda do velho Antônio's, no Rio de Janeiro, na voz do compositor Carlinhos Vergueiro, não apenas apaixonado e acompanhante extremo do trabalho desse disco de Chico mas, também, quem melhor classifica a intenção do trabalho:

— Trata-se de um samba que retrata, como se estivéssemos vivendo no ano 2000, o resultado da tragédia que temos suportado nos últimos anos de ditadura.

— Bem, é uma coisa jogada para o futuro — diz Chico — mas espero que pa-

ra bem antes do ano 2000. Porque agora já não há como mudar o caminho que o País assumiu.

“Num tempo página infeliz da nossa história.”

Três anos sem disco, nove anos sem shows, 40 anos de vida. Normalmente se consideraria isso como pontos negativos para este deslumbrante filho do inadjetivável Sérgio Buarque de Holanda que, nas rodadas de uísque com os melhores do Brasil, sob o complacente e alegre olhar de Maria Amélia, sua mulher, dedicava-se ao cinismo da frase perfeita para um pai orgulhoso:

— Eu era Sérgio Buarque e acabei sendo pai do Chico.

Corria o tempo de *A Banda*, a música explodia em sucesso sob as serpentinas e confetes da ditadura que acabara de se instalar no País. Francisco Buarque de Holanda (isso sem se considerar que, por parte de mãe, é também Cesário Alvim e outras nobrezas mais) seria, portanto, o ideal dos ideais de 1964, ou seja, o tal rapaz de boa família, alto, bonito, olhos ▶

▶verdes, cabelos encaracolados, estudante de arquitetura e, além do mais, compositor. A impressão que se tinha é que a UDN afinal conquistara seu lugar na música popular. Deveria ser normal se pensar que um rapaz tão bem-sucedido seria uma bênção dos céus para o uso da nova direita que se instalava no País. Como costuma acontecer com os desinformados, aquele que seria o grande marido para as filhas da classe média recentemente segura de que agora o País estava em boas mãos, Chico acabaria por se revelar um verdadeiro “traidor” das grandes metas de então quando discordou do “milagre brasileiro” estabelecido durante o governo Garrastazu Medici. O resultado seria um embarque apressado para a Itália, onde engoliria um longo exílio.

“Pede perdão, pela omissão um tanto forçada.”

(De Samba de Orly, de Vinicius de Moraes e Chico — letra alterada pela censura.)

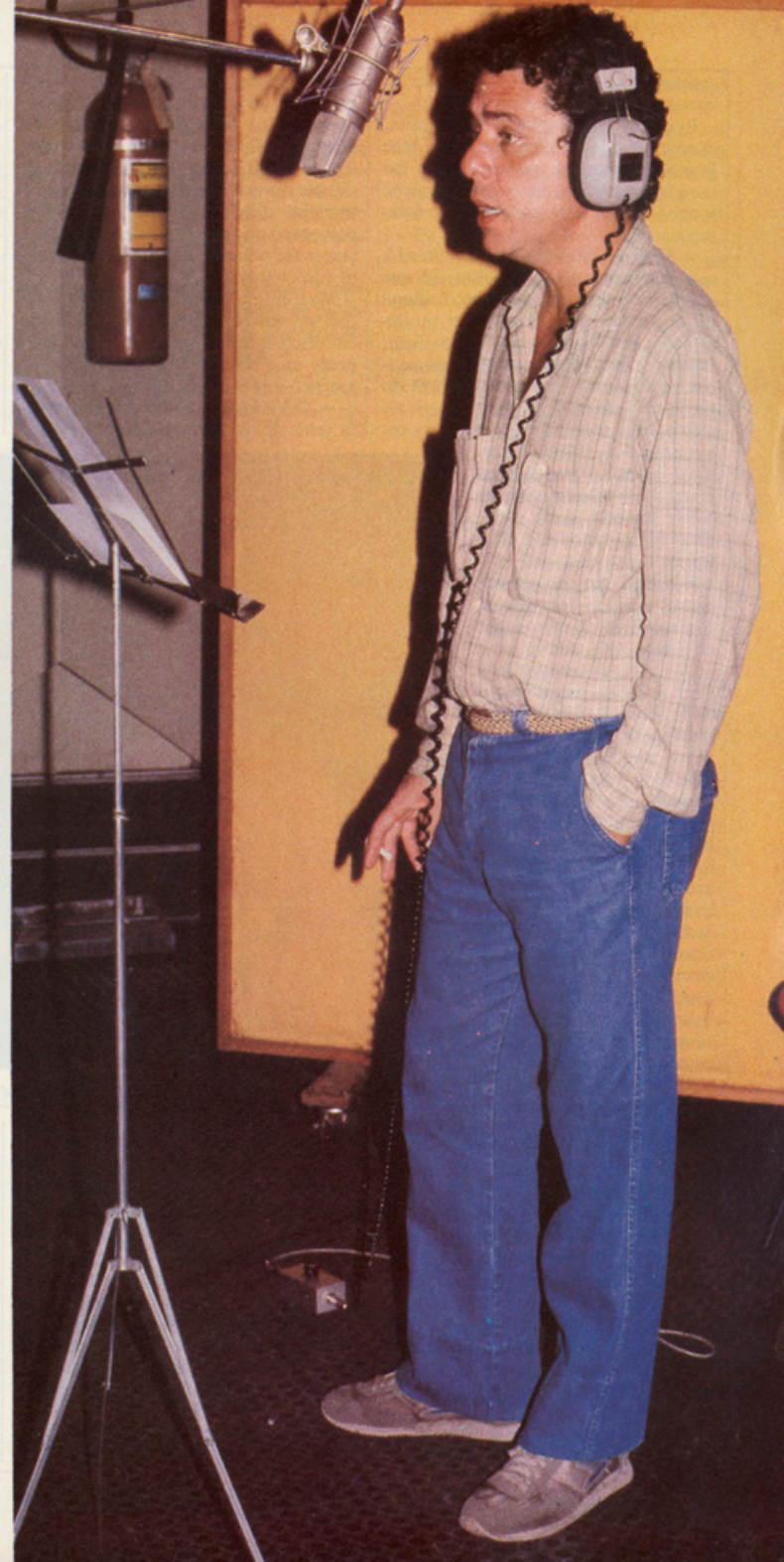
Negativa, a parada? Parece que não. O disco que Chico traz agora nos dá a impressão nítida de que não houve nada disso. Na verdade, parece que certamente servirá para confirmar aquela história dita por alguém há anos de que, com ele, tínhamos a primeira unanimidade nacional. A impressão que tinham seus amigos é a de que, a certa altura dos acontecimentos, o público lhe exigia demais em dois sentidos. Ele havia se tornado o mais potente compositor nacional e ninguém mais conseguia estabelecer realmente o limite entre seu trabalho de artista e a sua contribuição política como cidadão comum, por mais que ele insistisse em que não fazia nada de mais. Como estamos num país em que o normal é tido como excepcional, a coisa foi aumentando. Especialmente a partir do momento em que, depois de ter partido para a Itália, a 3 de janeiro de 1970, retornaria em agosto de 1970 lançando a música que lhe terá trazido os maiores problemas, *Apesar de Você*. Era engraçado — se não fosse trágico, como parte da história de um país — ver Chico sendo levado para depoimentos intermináveis a respeito dessa terrível melodia subversiva. A pergunta era sempre a mesma:

— O que o senhor quer dizer com “Apesar de Você?”

Chico encarava o encarregado (que geralmente acabava pedindo um autógrafo “para minha filha” ou “para minha sobrinha”) e respondia com a mesma ladainha:

— Bem, foi uma namorada que me sa-▶

“Sou o último cantor com voz grossa”



▶ caneu e eu quero dizer exatamente que apesar dela eu ainda canto.

E outras coisas mais. Mas, enfim, quando se fala em "parada" de Chico Buarque, tanto em discos quanto em shows (*sobre shows, ver quadro a seguir*), a coisa não é bem assim. Ele mesmo explica:

— Durante estes três anos continuei a trabalhar, a fazer outras coisas. Só que não tive a minha cara na capa. Estão aí o *Circo Místico*, com Edu Lobo, ou *Para Viver um Grande Amor*, com Tom, Djavan... Mas não são projetos simpáticos... rotineiros para a indústria. Não são projetos fáceis de se divulgar, já que rádios e gravadoras fazem uma coisa comum em cima da cara do artista. Assim, o que é, para mim, como criação, um trabalho fecundo, para eles é uma coisa paralela, algo assim.

É verdade: tirando peças de teatro, músicas para filmes, roteiros diversos, a produção de Chico tem sido incrível nestes últimos anos. Coisa que contraria a sede de sucesso de que são tomadas as pessoas dentro deste, digamos, novo capitalismo que vivemos. Por volta de 1973, por exemplo, ele surgiu com o projeto *Saltimbancos*, no Brasil. Tratou de fazer as letras e teve uma imensa luta com a Philips para que o trabalho afinal pudesse ser lançado a um custo próximo do zero, já que se aproveitaram as mesmas melodias e apenas a voz foi colocada aqui. Nos Estados Unidos, por sinal, este tipo de produção — seja de peça infantil, de teatro ou de trilha sonora de cinema — é uma coisa normal e com um mercado enorme interessado no assunto. Chico concorda:

— Aqui a indústria da área está mais voltada para o disco solo, jogando na imagem do cantor, enquanto que os discos coletivos não recebem atenção.

Parada, fazer nada, tais coisas não constam do imenso repertório de Chico, que fica irritado quando se fala sobre sua disciplina de trabalho:

— Como é que se pode falar em métodos, em disciplina, quando esta questão parte de alguém que trabalha todo dia? Trabalho, é claro, mas basta de falar como se eu fosse um exemplo de determinação.

Na verdade, não é bem assim. Chico é mesmo determinado, deixa escapar:

— Agora vou fazer os arremates da *Ópera do Malandro*, para o filme com o Ruy Guerra. Tenho que fazer mais seis ou sete músicas novas, acabo tendo que trabalhar nisto até junho ou julho. Depois tenho que pensar no disco solo para lançar até o fim do ano. Mas dificilmente vou conseguir.

Mas, enfim, acaba por surgir por estes dias um novo trabalho de Chico Buarque em disco. Maria Amélia, sua mãe, não perde uma só oportunidade de lembrar seu real início de carreira:

— O Vinicius ia visitar o Sérgio, muita gente de música, e o Chico ficava no



"Eu era obrigado a fazer shows: era o leite das crianças."

alto da escada, escondido, vendo toda aquela gente. Sempre foi assim.

Sempre foi assim. Certos dados são reais, outros apenas alimentamos. Mas há hoje, sobretudo, a realidade deste que talvez seja não apenas o mais completo disco de Chico Buarque mas que, também, acaba por funcionar entre os pontos marcantes da carreira desse belo homem cuja andança musical e pessoal tem sido marcada pelo extremo cuidado. E se o disco é ainda melhor do que se esperava, críticas à parte, tudo se define numa frase do próprio compositor ao repórter:

— Não é que desta vez acompanhei tudo até o final?

O resto vocês mesmos podem imaginar. Mesmo porque Chico nunca esteve mais afinado que agora, o que é normal, segundo ele mesmo comenta:

— Afinal de contas, sou o último cantor que canta com voz grossa no Brasil. ☹

O showman: palco é bom, mas a criação é melhor.

Estar no palco, fazendo um show, pode dar alegria e satisfazer o ego, mas nada se compara, segundo Chico, com o prazer da criação. Aqui ele fala de sua relação com o palco:

Tarso — Por que esse negócio de ficar nove anos sem fazer show?

Chico — Bom, porque eu fiz dez anos de show em condições muito piores das de hoje — e condições de tudo, de som etc e tal. E 90% desses shows fiz a contragosto, não era por prazer nenhum.

Você não gosta de fazer show, é?

Não, depois que começa, você gosta. Mas eu tava saturado de shows, na verdade. Nunca falei. "Vou parar." Falei: "Vou dar um tempo", sem despedida. Mas um tempo grande. Não pretendia voltar tão cedo, só que depois começou a fazer falta (acho) este contato direto com o público. Por outro lado, ainda tenho um certo receio. Então, vou fazer este show na Argentina, o primeiro desse tempo, é um meio show, dividido com o Toquinho, pra ver se eu seguro bem a outra metade do show.

Mas me diga uma coisa:

você está com Maluf ou...

Com outro candidato!

Mas você viveu do que, afinal, nesse tempo? Porque parece que músico vive muito de show, né?

Vive, mas eu tomei essa decisão a partir do momento em que decidi que podia viver de direito autoral. Mas não é só direito autoral. Comecei também a trabalhar com outras coisas: teatro, música para cinema. Talvez eu não tivesse condições de tempo para fazer essas coisas, se estivesse fazendo uma carreira de show normal, de meses aqui e ali. Então, vivi, e ainda vivo, de direito autoral.

E esse sistema está melhor agora? ▶

▶ Ah, melhor do que quando eu comecei há quase 20 anos. No tempo de *A Banda*, direito autoral era uma piada. Você não recebia mesmo. Tinha que cantar para sobreviver — talvez essa seja até uma razão pr'eu ter me desgastado com os shows, eu era obrigado a fazer, era o chamado leite das crianças mesmo. É claro que melhorou. Há ainda mil problemas e enguiços com o direito autoral, mas não é mais a piada de antes.

Você não tem um certo ciúme, nesse tempo em que você está parado, de ver outras pessoas cantarem sua música?

Não, de estarem cantando minhas músicas, não. De qualquer forma, quando eu vou a um show do Gil, no Canecão,

por exemplo, me dá um certo ciúme, uma certa inveja. Cada vez que eu vi um show desse tipo, me deu um impulso positivo, uma certa vontade de fazer também. E muita gente veio falar comigo. O Djavan, por exemplo, falou que eu tinha que voltar a fazer show. A Elba, também. Agora, é claro que é difícil, porque quanto mais o tempo passa, mais difícil fica. É aquela história de ficar nervoso, como no início. Mas, vai passando o tempo e, depois da estréia, vai ficando mais natural.

Você só gosta de fazer show não pago, né?

Apesar de um assessor do ministro da Justiça ter-me perguntado se eu canto por dinheiro, eu só fiz esses shows beneficentes, que não são profissionais. E por serem shows esporádicos, eu ficava muito mais nervoso e apreensivo e despreparado do que se eu estivesse fazendo uma carreira de show normal. Então agora eu estou ensaiando três semanas uma música e talvez eu fique mais seguro para entrar no palco.

Você é meio obstinado com esse negócio de escrever e de vez em quando dá a impressão — afinal, eu te conheço há 15 anos ou mais — de que você gosta mais de escrever, produzir para teatro e cinema, do que fazer outra atividade como show. Claro que sempre fazendo música também.

Ah, sem dúvida. Mesmo que eu volte a fazer shows, não se compara o prazer de fazer uma música e criá-la, com o prazer do palco, do show. É diferente. Quando termina o show, também dá uma ale-

gria e tal — quando aplaudem, é claro — e você fica com o ego todo satisfeito. Mas não se compara com o prazer da criação. A maioria desses artistas de palco mesmo tem um trabalho de criação, mas o meu não é tanto de criação, é quase um trabalho de repetição. Eu não tenho essa força que muita gente tem no palco.

Mas há o prazer do palco, que é uma coisa que atinge todo mundo, de políticos a cantores. E você tem esse prazer, tanto é que você sente falta.

Claro, tenho, mas não é tão grande assim. Nem tenho grande prazer em subir no palanque. ☹



"Posição política (...) desperta sentimentos e ódios..."

O político: ninguém deve cobrar o artista.

Há um exagero em Chico Buarque em muitas coisas. Uma delas: é absolutamente exigente no que se refere à determinação de ser uma pessoa absolutamente normal. Coisa que ele é, felizmente. Assim, a carga de "grande político", "herói da resistência" e outras coisas mais levam-no à irritação total. Coisa que fica mais ou menos clara nesta conversa de botiquim:

Tarso — Como vai ser se o Maluf ganhar?

Chico — Ele não ganha de jeito nenhum. A única possibilidade é a tentativa de mudança de regras do jogo. Assim, tudo indica Tancredo na Presidência.

E você acha que ele é o homem ideal?

Eu, na verdade, me integrei com ardor na campanha pelas diretas e não posso negar que hoje existe uma certa frustração. Chegamos, no entanto, a essa opção. Claro que ninguém deve se iludir. Tancredo é um caminho de transição. Os apressadinhos, você sabe...

E o PT?

Acho que eles ainda estão discutindo, não é? Mas acho um risco para o PT esta decisão. O risco de ficar distanciado do povo. Mas a posição do Airton Soares eu acho ótima.

(Chico acha que não precisa, nesta hora, estar falando muito em política. Ele está lançando um disco e as pessoas insistem mais em posições ideológicas. A partir daqui falamos mais da política em termos pessoais.)

Tarso — A política não acabou sendo uma coisa pesada na sua vida?

Chico — Na minha vida, não. Não foi ruim. Não foi um caminho que eu tracei espontaneamente. Eu posso até te dizer que, profissionalmente, foi ruim. Porque, a partir do momento em que você toma uma posição política e polêmica em relação a vários assuntos, você se indispõe com muita gente. Então, na carreira de um artista (*rindo*) ousou dizer que nem é recomendável tomar uma posição política mais consequente, ou avançar um pouco mais nessa linha. Então, vejo isso com muita clareza. Porque desperta ressentimentos e ódios em certos setores.

Mas gera um certo prazer...

Mas... sim, mas eu nunca me coloquei, como artista, mais importante do que como pessoa. Não dou essa importância toda ao artista. Esse conflito existe sempre, essa mistura de saber até onde vai o artista e onde entra o cidadão. Mas eu, como cidadão, me senti obrigado, compelido mesmo, a tomar posições políticas. E isso faz com que seja difícil a uma pessoa de posição contrária ficar isenta diante do artista, que não misture as duas coisas. ▶

► Eu vou te contar um caso curioso...*(rindo)* Eu lembro até mesmo de um tempo atrás quando tentaram usar meu nome para me jogar contra a posição de outros artistas que não se manifestaram. Teve um certo patrulhamento de certas áreas de esquerda. Eu fui contra isto e faço questão de deixar claro que não posso ser usado para isto. Eu acho que o artista não deve ser cobrado neste sentido. Se o João Gilberto não quer se manifestar, ninguém tem por que cobrar dele uma posição política. Também não admito o contrário. O patrulhamento da direita. Mas aí, um dia, eu me surpreendi no caso *(rindo)* dos jogadores do Fluminense *(Chico é tricolor. Ele se refere à malufada do time na semana do clássico Fla-Flu, em que o time dele foi arrasado — N. do R.)*. Passei uma semana ouvindo gracinhas e não fui assistir ao jogo. Fiquei com raiva e sem prazer. Mas, de noite, fui ver o jogo na televisão e, de repente, me flagrei vendo defeitos nos jogadores do Fluminense *(agora gargalhando)* que tinham malufado. Ficava dizendo assim: “Esse cara não é tão bom quanto eu pensava”. Aí me bate isso na cabeça: é claro que uma pessoa que tenha ódio das minhas posições políticas dificilmente ficará isenta quando olhar para o meu trabalho.

Mas parece que até a direita gosta de sua música.

Não sei. É difícil.

E têm surgido casos de agressão?

Tem havido. O engraçado é que em São Paulo, onde há um carinho muito grande, assim, ao nível de garçom, de motorista de táxi, tal, é também onde existe um bolsão radical muito forte. Então, eu senti o cheiro mesmo — que no Rio não senti ainda — do fascismo malufista; um dia, num restaurante, havia um cliente (enorme, por sinal) que começou com aquela coisa de falar alto, aquela história de “comunista”. Eu pensei: “Ih, não vai dar certo este negócio”. Mas eu fiquei quietinho... *(rindo)* o cara era enorme, né? Mas era uma colocação de agressividade.



“Trabalho, é claro. Mas basta de falar como se eu fosse um exemplo de determinação.”

CRÍTICA

Fina ironia de um artista lúcido

Para o artista lúcido, este Brasil está realmente à beira da insanidade total. E ele não consegue ficar indiferente. Melhor do que qualquer outro, Chico Buarque é o compositor que consegue, com fina ironia, juntar nossos cacós, reavivar nossa memória, recontar nossa história que, de tão absurda, só pode ser encarada com humor ou num plano surreal. Seu novo disco — Chico Buarque (Barclay) —, depois de três anos de ausência, reabre com maior habilidade as velhas feridas — afinal, quase nada mudou por aqui. Chico Buarque é puro talento nestas questões e não há como confundir-lo com o compositor que coloca a sua canção sistematicamente a serviço da causa. É como ele bem diz no samba-enredo Vai Passar, feito com Francis Hime: “Num tempo/Página infeliz da nossa história/Passagem desbotada na memória/Das nossas novas gerações/Dormia/A nossa pátria mãe tão distraída/Sem perceber que era subtraída/Em tenebrosas transações”.

Chico relembra o bate-panelas, as camisetas amarelas das diretas; os esqueci-

dos de um alucinado Brejo da Cruz (num arranjo lindo, para uma canção com forte influência de Caetano Veloso); faz na sua primeira parceria com João Bosco algo tão visual quanto Domingo no Parque, de Gilberto Gil; toca na nossa perene necessidade de saber o futuro desde que a cigana diga só o que queremos ouvir. E é no amor que agarra os corações mais renitentes. Mil Perdões, que Gal Costa já gravou, aparece como um sensual blues; Tantas Palavras, parceria com Dominginhos, é a encarnação do arranjo elegante, chic. Na valsa Suburbano Coração, todos os clichês do amor exacerbado, e a Canción, de Pablo Milanés (em participação especial) sobre os versos de Nicolás Guillén, traz o tempero da salsa caribenha. Nesta variedade de ritmos há uma grande unidade ditada por arranjos vestindo canções que correm por fora da massificação. Se o País exige jogo de cintura na sua insanidade, é necessário tê-lo também na hora de entender tantas e tão finas correntes na sua música popular.

Maria Amélia Rocha Lopes